ANAIS

O DESENVOLVIMENTO DO EMPREENDEDOR ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA

FERNANDA GIANOTTI
fernanda.gianotti@etec.sp.gov.br
CENTRO PAULA SOUZA

ELTON EUSTÁQUIO CASAGRANDE
elton.eustaquio@unesp.br
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA FCLAR/DEPTO DE ECONOMIA

LUIZ FERNANDOPOSSETTI
fernandopossetti@hotmail.com
UNESP - JABOTICABAL

RESUMO: O objetivo deste artigo é uma revisão da literatura de recentes trabalhos que tratam sobre o empreendedorismo e a abordagem quanto a educação empreendedora como instrumento para formação de novos empreendedores e assim conhecer as metodologias da educação empreendedora, suas aplicações e a formação das competências empreendedoras de acordo com a literatura. A pesquisa propõe, além de identificar as competências empreendedoras, a criação e a estabilidade de empreendimentos oriundos dessa formação a partir dos atributos e competências identificados e evidências da literatura.

PALAVRAS CHAVE: empreendedorismo; educação empreendedora; competências; desenvolvimento socioeconômico.

ABSTRACT: The objective of this article is a literature review of recent studies that deal with entrepreneurship and the approach regarding entrepreneurship education as an instrument for the training of new entrepreneurs and thus to know the methodologies of entrepreneurial education, its applications and the formation of entrepreneurial skills according to with the literature. The research proposes as well as identifying the entrepreneurial competences, the creation and stability of enterprises coming from this formation based on the identified attributes and competences along and evidences from the literature.

KEY WORDS: entrepreneurship; entrepreneurial education; competences; socioeconomic development.

1 INTRODUÇÃO

O empreendedorismo é um assunto latente na gestão de negócios contemporânea e um tema que vem sendo explorado em pesquisas de linhas de desenvolvimento econômico, gestão e educação. Comumente, vincula-se o termo empreendedorismo a abertura de empresas, criação de empregos e aceleração socioeconômica. Mas, o debate e a investigação na literatura são mais amplos e destacam tanto os atributos e capacidades dos indivíduos e o papel das instituições em relação a organização e desenvolvimento de ideais (SCHAEFER e MINELLO, 2016; HUQ e GILBERT, 2017; MARSHALL e GIGLIOTTI, 2018; BRÄNDLE et al., 2018).

Estudos apontam que o termo empreender é recorrente do século XII e representava o indivíduo que assumia os riscos, que explorava em seu benefício e, em geral, buscava a criação de um produto ou serviço. No século XVII, o termo francês *entreprendre* significava empreitada, o que estabelecia muito esforço, referindo-se a pessoas que organizavam e lideravam expedições militares (SIQUEIRA & GUIMARÃES, 2002; BOAVA e MACEDO, 2009; MENDES, 2009).

Não obstante à necessidade de esforços e de identificação de oportunidades, as mudanças nos cenários econômicos mundiais, a globalização e a era da informação exigem dos jovens e dos profissionais experientes a constante busca pela formação e desenvolvimento de competências que promovam destaque no mercado de trabalho. A necessidade de criar oportunidades e condições para que sejam exequíveis, proporcionam o empreendedorismo como uma alternativa para o desenvolvimento econômico (AIUB, 2002).

O atual dinamismo do mercado de trabalho, o incentivo à abertura de novos empreendimentos, mudanças nas condições de trabalho formal, impulsionam os indivíduos à construção de negócios e a geração de renda (AIUB, 2002).

Para atender esta demanda crescente a educação para o empreendedorismo e o desenvolvimento de competências podem ser facilitadores na formação do empreendedor e podem ser utilizados para estimular o comportamento e o ambiente favorável à cultura do empreendedorismo. Na educação formal, o capital humano favorece a efetividade das atividades na suja dimensão mais geral. De maneira subjacente, a educação empreendedora favorece os negócios através da promoção da independência e autonomia do indivíduo. Estas últimas contribuem à capacidade de discernimento entre escolhas e oportunidades que façam melhor uso do conhecimento e bens sociais (AIUB, 2002; CRUZ Jr. et al, 2006).

Estudos empíricos, a partir do *Global Monitor Entrepreneurship* (GEM), permitem compreender a forma com que estruturas educacionais e variáveis sociais e econômicas são organizadas para avaliar desempenho comparado entre países. O material GEM é analisado na literatura de forma frequente. Cinar, Du e Hienkel (2017), por exemplo, analisam o relatório GEM para comparar a China com países selecionados para entender as melhorias de instrumentos ou melhores políticas para o desenvolvimento da própria economia.

O objetivo deste artigo é uma revisão da literatura de recentes trabalhos que tratam sobre o empreendedorismo e a abordagem quanto a educação empreendedora como instrumento para formação de novos empreendedores e assim conhecer as metodologias da educação empreendedora, suas aplicações e a formação das competências empreendedoras de acordo com a literatura (GIL, 2008).

2 REVISÃO DA LITERATURA SOBRE EMPREENDEDORISMO

A história da administração mostra que, apesar de diversos filósofos e estudiosos abordarem sobre o tema, somente no início do século XX iniciam-se os estudos da administração e são desenhados os princípios que regem até os dias atuais. A partir dos estudos de Frederick Winslow Taylor, surge os estudos da Administração Científica, com ênfase no controle de tempos e movimentos, produção e racionalização do trabalho (SOUSA et al.; 2016).

A partir desse período, os estudos das teorias administrativas desenvolvem-se e agregam recursos e estruturas às empresas e seus gestores. A evolução do empreendedorismo desenvolve-se paralelamente, e, também, surgem outras abordagens, tais como: perfil, comportamento, competências e habilidades.

Nos anos do século XX, Schumpeter e McClelland também abordaram sobre empreendedores. O economista austríaco, Joseph Alois Schumpeter destacava o empreendedor como a pessoa capaz de inovar, identificando condições para criação de novos produtos ou através de novos métodos de produção. Considerava que era fundamental para o desenvolvimento da economia, pois identificava a oportunidade da inovação e da geração de retorno, abrindo novos mercados e ampliando o desenvolvimento econômico, definindo a "destruição criativa". No entanto, o trabalho de David Clarence McClelland, americano e psicólogo, buscava identificar o comportamento empreendedor na motivação humana para o crescimento econômico, à necessidade do sucesso, reconhecimento, ao desejo de poder e de controle. (SCHUMPETER, 1982; GOMES, SANABIO e SANTOS, 2006; SOUZA, FRACASSO e LOPEZ Jr., 2008).

Outros estudiosos do século XX ainda relacionam as características do comportamento empreendedor, Weick (1979) observava um diferencial em habilidades e competências, experiências e conhecimentos no tocante às estratégias de negócios e ambiente organizacional, e ainda no desenvolvimento de novos negócios; Chandler (1990) destacava as competências e experiências agregadas às escolhas estratégicas; e Carland et al. (1984) que diferenciavam o empreendedor pela perspicácia nas atividades criativas, vinculando a inovação à objetividade de lucro (SOUZA, FRACASSO e LOPEZ JR., 2008).

Gomes, Sanabio e Santos (2006), apresentam três linhas sobre empreendedorismo: i) a visão economista, cunhada por Cantillon (1755) e Jean Baptiste Say (1803), onde o empreendedor era o indivíduo que arriscava, inovava e buscava oportunidades, visando lucratividade; ii) visão dos Behavioristas, ou seja, buscava identificar o comportamento do empreendedor, com fez McClelland (1965); iii) a visão dos traços de personalidade, essa não teve total efetividade para delimitar as características empreendedoras, mas contribuiu com orientações para futuros empreendedores (PAIVA JR. & CORDEIRO, 2002).

Há também outra concepção, organizada por Costa, Barros e Carvalho (2011), que apresentam que o empreendedorismo pode assumir diferentes significados dependendo de seu contexto e uso. Para tanto, proporcionam três abordagens: i) também derivada do behavorismo ou comportamental e preocupa-se com a definição das personalidades do empreendedor e em seu comportamento; ii) estudos das habilidades e competências empreendedoras e sua relação com o ambiente organizacional. Neste tocante, as competências e habilidades estão

relacionadas à capacidade de observação e identificação das oportunidades, posicionamento e comprometimento com os resultados, alguns exemplos: (a) empreendedorismo como fomento tecnológico, no desenvolvimento e gerenciamento de empresas emergentes; (b) empreendedorismo na prática da gestão empresarial; e (c) empreendedorismo como estratégia de desenvolvimento local integrado e sustentável, por meio do desenvolvimento de micros, pequenas e médias empresas. iii) relacionada as ideias de inovação, risco e desenvolvimento econômico, destacando o caráter inovador, oportunidades de investimento de produtos, serviços ou novas empresas (COSTA, BARROS e CARVALHO; 2011).

Ainda que desenvolvidas sob diferentes prismas e em períodos bastante distintos, as visões e abordagens apresentadas asseguram que o empreendedor capaz de produzir riqueza, criar e aproveitar oportunidades, melhorar processos e iniciar negócios, ou seja, a sociedade atual necessita do espírito empreendedor gerador de inovação e de riquezas (COSTA, BARROS e CARVALHO, 2011).

Souza, Fracasso e Lopez Jr. (2008) destacam que existem dificuldades para entender o papel do empreendedor por falta de informações quanto a diferentes avaliações de seu comportamento. Já, Gomes, Sanabio e Santos (2006), apresentam que os comportamentos humanos divergem de acordo com as histórias vividas, dos valores compartilhados, da crença e outras variáveis envolvidas. Assim, os fatores se misturam e sobrepõe as explicações quanto à formação do perfil empreendedor.

Nesse contexto, Gomes, Sanabio e Santos (2006), apresentam análise sociológica do empreendedor, a partir dos trabalhos de Weber (1982, 1996), que constata que a vida e o trabalho estavam relacionados e mantinham dependência da filiação religiosa. Também apresentam, conforme Siqueira & Guimarães (2002), que a experiência profissional interfere de maneira significativa, reduzindo os riscos do novo negócio, devido ao conhecimento inerente à profissão.

O que é inegável é o fato de que o empreendedor e a criatividade estarem intimamente ligados.

Para Klein (2008) o empreendedorismo é uma atividade que envolve a descoberta, avaliação e exploração de oportunidades para introduzir novos bens e serviços, promovendo melhorias ou criações a processos já existentes. A identificação de oportunidades envolve não só habilidades técnicas como análise financeira e pesquisa de mercado, mas também formas menos tangíveis de criatividade, construção de equipes, resolução de problemas e liderança.

A administração empreendedora exige administração diferente daquela que existe. Mas, como a existente, ela requer administração sistemática, organizada e deliberada. E, embora as regras básicas sejam as mesmas para qualquer organização empreendedora, a empresa em atividade, a instituição de serviços públicos e as novas iniciativas de risco apresentam desafios diferentes, têm problemas diferentes e precisam se resguardar de tendências degenerativas diferentes. (DRUCKER, 2011).

O empreendedorismo é um assunto em pauta na gestão de negócios contemporânea. Envolve a atividade de criação, avaliação e exploração de oportunidades para introduzir, analisar e gerenciar os recursos disponíveis para produzir e oferecer novos produtos e serviços, assim como, formas de organizar mercados e processos através de esforços de organização que anteriormente não existia (WITT, 2003; KLEIN, 2008).

Maroufkhani, Wagner e Ismail (2017), a partir de uma revisão literária sobre ecossistemas empreendedores, apresentam que em 2003 a Comissão Europeia define o empreendedorismo como um processo de atividade econômica, assumindo riscos, sendo criativo, inovador e com um sistema de gestão correto e capaz em uma organização, sendo vital para o crescimento econômico. Também colocam que o empreendedorismo é um processo lucrativo, capaz de sustentar a economia e a sociedade quando é eficiente. Para os autores, o empreendedorismo próspero tem um impacto generalizado no seu ecossistema, enquanto o ecossistema adequado também promove o sucesso do empreendedorismo, criando, assim, ciclo virtuoso de empreendedorismo.

Marshall e Gigliotti (2018), apontam para as intenções empreendedoras como uma decisão importante para investir numa carreira empreendedora. Os autores propõem que o empreendedorismo por meio da criação de novos empreendimentos é um fator-chave para o crescimento econômico e a prosperidade em contextos desenvolvidos e emergentes.

Outra proposição importante provém da pesquisa de Başçı e Alkan (2015), que abordam que a universidade tem um papel vital tanto no apoio à pesquisa e desenvolvimento quanto no ensino de empreendedorismo para os estudantes. Destacam que a ênfase da educação em empreendedorismo universitário é como a preparação para o mundo dos negócios para transformar conhecimento teórico em informação, oferendo condições para que pessoas possam administrar um negócio e reforçam a afirmação que empreendedorismo é o fator importante para a expansão econômica em todo o mundo (Başçı e Alkan, 2015). Os autores ainda afirmam que o papel da universidade é crítico para o crescimento das intenções empreendedoras, interferindo na decisão dos aspirantes empreendedores dependendo do contexto de formação oferecido pela universidade.

A pesquisa de Hunter e Lean (2018) aponta para o empreendedorismo como um constructo social definido por fatores culturais e socioeconômicos. Os autores indicam o empreendedorismo como um processo de criação de valor que emerge de relacionamentos de apoio, onde o aprendizado pode acontecer a partir da solução de problemas, aprendendo com os erros e a observação dos demais e do entorno. Também acrescentam sobre um processo emocional, onde fazem parte do contexto: a confiança nos outros, agir conforme o instinto, desenvolver o conhecimento a partir da prática e da ação, assumir novos desafios e elaborar planos.

Para Klein (2008), o empreendedorismo pode ser organizado ocupacional, estrutural e funcional. As teorias ocupacionais determinam o empreendedorismo como a prática individual do trabalho, descrevendo as características daqueles que iniciam seus próprios negócios e preferindo a autonomia ao emprego formal. Por outro lado, as abordagens estruturais atentam-se à empresa ou à indústria como a unidade de análise, definindo a empresa empreendedora como uma empresa nova ou pequena, assim, vinculando o conceito empreendedor à empresa sugere que o empreendedorismo está associado a uma estrutura de mercado específica, ou seja, ao nicho relativo a empresas pequenas ou recém-criadas. A perspectiva funcional determina que empreendedorismo ultrapassa a linha categoria de emprego ou estrutura de mercado. A função empreendedora pode ser caracterizada de várias maneiras: julgamento para tomada de decisões, adaptação ao mercado, alerta de oportunidades e coordenação.

Brändle et al. (2018) visam demonstrar que a auto eficácia empreendedora é uma característica imprescindível para que os empreendedores obtenham melhores desempenhos em seus negócios. Relacionam a auto eficácia empreendedora como fonte de sucesso global para os empreendimentos. Trata-se, deste modo, de uma percepção fundamental para a gestão e o crescimento dos negócios está relacionada ao tipo de oportunidade que eles buscam, podendo explicar diferentes níveis de eficácia empresarial.

Cinar, Du e Hienkel (2017), a partir do estudo sobre os fatores influentes de atividades empreendedoras, a partir dos dados extraídos do *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM), apresentaram que o empreendedorismo pode ser admitido sobre as teorias e as atividades que acontecem. Sobre as teorias, pode ser relacionado a temas como economia, psicologia, sociologia, antropologia e gestão, em escolas clássicas, neoclássicas e austríacas. Abordando contexto de personalidade, culturais ambientes, oportunidades, economia comportamental, incluindo o acúmulo de capital humano.

Dentre as diferentes perspectivas dos autores citados, o fato é que o empreendedorismo sempre está voltado ao desenvolvimento e crescimento econômico. Em geral, o empreendedor, busca por atuar economicamente no cenário que identifica oportunidades, visando o seu desenvolvimento pessoal e profissional. No cenário atual do empreendedorismo moderno, a função do empreendedor ultrapassa a possibilidade de visualizar boas ideias e oportunidades de negócios e fomentar financeiramente a realização dos mesmos. Os efeitos dos direcionamentos de carreira e das intenções empreendedoras propõe que as experiências e outros fatores de trabalho influenciam os empreendedores a buscar opções de novos empreendimentos (KLEIN, 2008; MAROUFKHANI, WAGNER e ISMAIL, 2017; MARSHALL e GIGLIOTTI, 2018).

A prosperidade do desenvolvimento econômico e suas diferentes estratégias, como inovação, economias baseadas no conhecimento e políticas de competitividade nacional, de alguma forma dependem do sucesso do empreendedorismo ou da capacidade dos empreendedores (KLEIN, 2008; MAROUFKHANI, WAGNER e ISMAIL, 2017; MARSHALL e GIGLIOTTI, 2018).

Carvalho, Rodrigues e Jesus (2018) acrescentam sobre a importância do estímulo à inovação para formação profissional. Nesse contexto, a cultura para a inovação fomenta a criação de vantagem competitiva sustentável. A pesquisa dos autores aponta que o empreendedorismo é formado, principalmente, pelos elementos vontade, ambiguidade e foco na ação, enquanto fatores como, comportamento e clima obtiveram uma avaliação fraca nas universidades federais brasileiras participantes dessa pesquisa.

Contextualizando o cenário, os empreendedores precisam de um ambiente propício para inovar e prosperar seus negócios. Maroufkhani, Wagner e Ismail (2017), consideram que o ecossistema propício para o empreendedorismo são ambientes como parques científicos e tecnológicos e distrito industrial, pois oferecem aspectos sociais, culturais e institucionais, e ainda, pessoas e empresas. O ideal é que também seja um ambiente que inspire novas ideias, conceitos e modelos de negócios.

Os autores ainda apresentam um modelo conceitual do ecossistema empreendedor, apresentado na Figura 1, desenvolvido da estrutura matricial de Isenberg (2011) (MAROUFKHANI, WAGNER e ISMAIL, 2017).

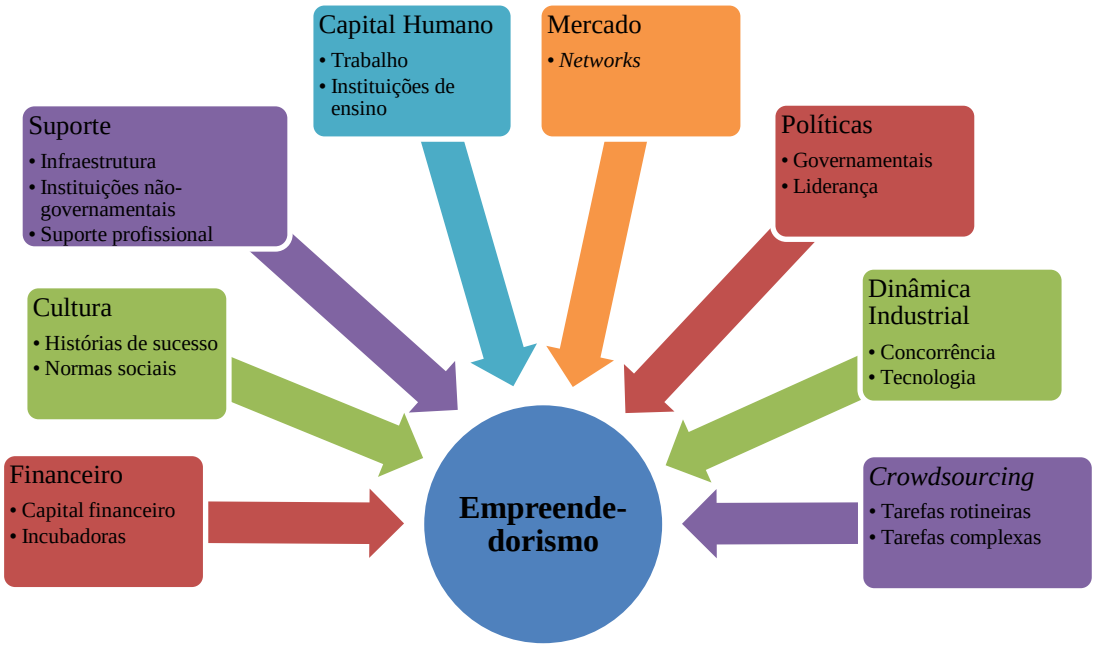

Figura 1: Ecossistema Empreendedor
Fonte: Adaptação de Maroufkhani, Wagner e Ismail, 2017.

2.1 Educação empreendedora e sua aplicação

A educação para o empreendedorismo consiste em programas pedagógico ou processo de ensino-aprendizagem para atitudes e habilidades empreendedoras. No entanto, existem diferentes tipos de educação voltada ao empreendedorismo, por exemplo, estágios específicos de desenvolvimento, que são direcionados para públicos específicos; ou educação para a conscientização de estudantes que não tem experiência para começar um negócio. Neste caso, os alunos podem desenvolver habilidades empreendedoras, e ajudá-los na escolha de uma carreira. A maioria dos programas de nível universitário destina-se aumentar a consciência empreendedora e preparar pretendentes a empreendedores (BAE et al, 2014).

A educação empreendedora deve estar inserida no contexto de aprendizagem, construída por princípios pedagógicos, a fim de desenvolver habilidades e atitudes empreendedoras, de maneira que o aluno tenha condições de ampliar a visão sobre suas ideias. O empreendedorismo deve ser vivenciado, transformando a sala de aula em um ambiente multidisciplinar, integrando a temática com referências ao contexto educacional e ao ambiente profissional (BAE et al, 2014; SCHAEFER e MINELLO, 2016).

Com esta perspectiva, a educação empreendedora é uma abordagem educacional que contribui no desenvolvimento de estudantes para que tenham pensamentos independentes, para que sejam criativos e proativos, com atitudes mais reflexivas e que contribuam efetivamente ao desenvolvimento econômico, social e sustentável da sociedade que está inserido.

A promoção do ensino voltado ao empreendedorismo insere o aluno numa realidade de convergência entre educação e trabalho, oferecendo parâmetros para identificar oportunidade e crescimento. Isso exige que a escola esteja preparada para oferecer as condições de ensino necessárias, incluindo o corpo docente, que deve estar capacitado para as ações pedagógicas, e ainda, que os currículos sejam facilitadores de aprendizado, incluindo metodologias que abordem a temática, como: estudos de casos, jogos, dramatizações e simulações, pensamento baseado em *design* e prática reflexiva, tendo como objetivo o desenvolvimento de habilidades empreendedoras e auxílio na escolha da carreira. (BAE et al, 2014; HUQ e GILBERT, 2017).

A partir da organização escolar que favoreça o ambiente empreendedor, o processo de aprendizagem passa a induzir o aluno a pensar e agir como empreendedor, de maneira que as ações de fazer, errar, corrigir e criar passam a ser comuns às suas práticas. Assim como desenvolver habilidades, como, comunicação, trabalho em equipe, pensamento crítico, resolução de problemas, iniciativa e empreendedorismo, autogestão e aprendizado por meio de tecnologia (SCHAEFER e MINELLO, 2016; HUQ e GILBERT, 2017).

Essa abordagem educacional provoca uma quebra de paradigmas e para ser eficiente precisa que os agentes estejam integralmente envolvidos. O ensino torna-se uma consequência das ações geradas, onde erros e acertos são analisados em busca do resultado, colocando o aluno como protagonista do seu aprendizado e total responsável pelo seu conhecimento e o professor, o agente facilitador do ensino, tem a missão de promover uma atmosfera questionadora e reflexiva, auxiliando os alunos a construírem seus alicerces a partir da educação empreendedora (SCHAEFER e MINELLO, 2016).

Gedeon (2017), em seu estudo busca apresentar se de fato o empreendedorismo pode ser ensinado e apresenta que na visão dos empresários, um dos principais objetivos do ensino superior é preparar os estudantes para entrarem no mercado de trabalho e contribuírem para a economia nacional, sendo pessoas que desenvolvam a capacidade intelectual necessária e habilidades flexíveis e adaptáveis. Para o presente estudo os alunos frequentam curso profissional na modalidade técnica de nível médio, e, certamente tem o objetivo de ingressarem ou se recolocarem no mercado de trabalho.

Ao introduzir o empreendedorismo na educação, o sistema sofre uma alteração, pois há necessidade de inserir e estimular metodologias e instrumentos que favoreçam e deem condições dos alunos desenvolverem as competências e habilidades esperadas e terem condições de atuarem no mercado de trabalho ou de desenvolverem sua própria empresa. Os estudos de empreendedorismo devem ultrapassar as barreiras do plano de negócio e de demais ferramentas empresariais. Os cursos técnicos e universitários devem promover conteúdos como como psicologia, sociologia e demais assuntos que auxiliem o futuro empreendedor a trabalhar com o comportamento humano (LORENTZ, 2015).

Dolabela e Filion (2013) propõem que o ensino voltado ao empreendedorismo tenha uma vertente diferente dos métodos tradicionais de ensino, ou seja, aquele que tende na transferência de conhecimento, onde o professor é o centro das informações, buscando uma aprendizagem centrada em pensar de forma independente e proativa.

Schaefer e Minello (2016) em seu estudo apresentam um quadro comparativo com as características da educação tradicional e da educação empreendedora, conforme Dolabela (2008) descreve em um dos seus livros, conforme segue em Quadro 1:

Quadro 1: Comparação entre Educação tradicional e Educação empreendedora

Educação tradicional	**Educação empreendedora**
Ênfase no conteúdo, que é visto como meta	Ênfase no processo, aprender a aprender
Conduzido e dominado pelo professor	Apropriação do aprendizado pelo aluno
O professor repassa o conhecimento	O professor como facilitador e educando; participantes geram conhecimento
Aquisição de informações "corretas" de uma vez por todas	O que se sabe pode mudar
Currículo e sessões fortemente programados	Sessões flexíveis e voltadas às necessidades
Objetivos do ensino impostos	Objetivos do aprendizado negociados
Prioridade para o desempenho	Prioridade para a autoimagem geradora do desempenho
Rejeição ao desenvolvimento de hipóteses e pensamento divergente	Hipóteses e pensamento divergentes vistos como parte do processo criativo
Ênfase no pensamento analítico e linear; parte esquerda do cérebro	Envolvimento de todo o cérebro; aumento da racionalidade no lado esquerdo do cérebro por estratégias holísticas, não lineares, intuitivas; ênfase na confluência e fusão dos dois processos
Conhecimento teórico e abstrato	Conhecimento teórico amplamente complementado por experimentos na sala de aula e fora dela
Resistência à influência da comunidade	Encorajamento à influência da comunidade
Ênfase no mundo exterior; experiência interior considerada imprópria ao ambiente escolar	Experiência interior é contexto para o aprendizado; sentimentos incorporados à ação
Educação encarada como necessidade social durante certo período de tempo, para firmar habilidades mínimas para um determinado papel	Educação vista como processo que dura toda a vida, relacionado apenas tangencialmente com a escola
Erros não aceitos	Erros como fonte de conhecimento
O conhecimento é o elo entre aluno e professor	Relacionamento humano entre professores e alunos é de fundamental importância

Fonte: Adaptado de Schaefer e Minello (2016; apud DOLABELA, 2008, p. 153)

2.2 O desenvolvimento de competências empreendedoras

Perrenoud (1999) apresenta o conceito abrangente sobre competência, saber agir com eficiência para atingir o objetivo proposto. Assim, a competência se encaixa em diversas atividades da vida de uma pessoa e o autor propõe que esse tema deva ser discutido e trabalhado no contexto escolar, em busca de proporcionar ao aluno, ainda na tenra idade, condições de

construir sua vida pessoal com qualidade e conhecimento e fazer com que sua vida profissional seja uma prática dominante do saber fazer.

Sobre o conceito de competência acerca da formação profissional, Perrenoud (1999) pondera que inicialmente deve-se considerar a correta identificação das situações pertinentes, incluindo aquelas situações, que usualmente são ditas como banais ou sem merecida atenção, pois incorporam o tratamento de rotina, e das situações excepcionais, que requerem a totalidade da perícia, da criatividade e cautela do prático.

Fontes (2016), sobre competência é possível encontrar referências como atribuição, qualificação, traço ou característica pessoal, como comportamento ou ação. Assim como também é mencionada como características extra pessoais, intrapessoais e comportamentais. O autor afirma que as competências são definidas como as características que devem estar presentes num indivíduo, sejam conhecimentos, habilidades, qualidades, atitudes, aptidões, traços de personalidade, motivos, autoconceito e capacidades, a fim de que haja qualidade nas atividades e tarefas desempenhas.

Corroborando com a conceituação de Perrenoud (1999) onde evidencia-se a competência na prática dominante e eficaz, Schaefer e Minello (2016), apresentam o saber empreender, dividido em três questões, sendo: o que aprender?, por que aprender? e, por fim, como aprender? Nesse sentido, cabe ainda, outra definição, “os quatro pilares do conhecimento” para o século XXI, que são: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver e aprender a ser (DELORS et al, 1996), conforme segue:

- Aprender a conhecer: adquirir os instrumentos da compreensão;
- Aprender a fazer: agir sobre o meio envolvente;
- Aprender a viver: participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas;
- Aprender a ser: via essencial que integra as três precedentes.

Delors et al (1996), afirmam no relatório que surgiria uma nova concepção de educação, que faria com que todos descobrissem, reanimassem e fortalecessem seu potencial criativo. Assim, a educação ultrapassaria as barreiras de ser puramente instrumental, considerada como a via obrigatória para obter certos resultados (saber-fazer, aquisição de capacidades diversas, fins de ordem econômica), e se passaria a ser considerada em sua plenitude: realização da pessoa que, na sua totalidade, aprende a ser.

Apesar de filosófico, a teoria propõe que o indivíduo aprende a ser quando incorpora as aprendizagens anteriores (conhecer, fazer e viver), o que vem de encontro com a proposta de Perrenoud, quando coloca que a competência profissional se dá quando o indivíduo executa uma prática dominante do saber fazer.

Fontes (2016) define sobre competência empreendedora, sendo as capacidades que constituem as condições básicas e necessárias, suficientes para o exercício de comportamento empreendedor, incluindo: tomada de decisões, a resolução de problemas, capacidade de gerenciamento, pensamento estratégico, gestão de projetos e de tempo, a persuasão, a capacidade de negociação e a motivação ativa. Vinculadas a essas capacidades estão características, como, autoconfiança, autoconhecimento, autonomia, empatia, disposição para o trabalho árduo, estar disposto a correr riscos e a flexibilidade.

Fontes (2016), a partir de seu estudo de outros autores, ainda segmenta a competência empreendedora em competências cognitivas, competências sociais e competências orientadas para a ação e faz a relação entre os conhecimentos, competências e habilidades relevantes para pessoas do século XXI, conforme segue no resumo apresentado em Apêndice D - Competências Empreendedoras versus conhecimentos, competências e habilidades para o século XXI.

Silva e Pena (2017) apresentam as habilidades que os alunos devem desenvolver durante o processo de aprendizagem:

a) Habilidades técnicas: saber escrever, ouvir, liderar e trabalhar em equipe;
b) Habilidades gerenciais: áreas envolvidas na criação, desenvolvimento e gestão da nova empresa, como marketing, finanças, produção, entre outras;
c) Características pessoais: disciplina, inovação, orientação a mudanças, persistência e propensão a assumir riscos.

Sobre as habilidades gerenciais, Fontes (2016) amplia em competências:

- Competências de marketing: Realizar pesquisas, avaliar de mercado, divulgar produtos e serviços, comunicar uma perspectiva;
- Competências financeiras: Criar um plano financeiro, criar um plano de negócio, obter financiamento, assegurar o acesso a recursos.
- Competências de oportunidade: Reconhecer e atuar sobre oportunidades de negócio e outro tipo de oportunidades, competências de desenvolvimento de produto, serviço ou conceito.
- Competências interpessoais: Liderar, motivar os outros, gerir pessoas, resolver conflitos, socializar.
- Competências de aprendizagem: Aprender ativamente, adaptar-se a novas situações, lidar com a incerteza.
- Competências estratégicas: Definir prioridades, focarem objetivos, definir uma visão, desenvolver uma estratégia, identificar parceiros estratégicos.

O desenvolvimento dessas habilidades e competências depende da vivacidade e da proximidade ao mundo real, considerando a experiência que a pessoa tem com a realidade dos empreendedores, ou seja, os métodos serem voltados à ação, desafiando as pessoas à prática do empreendedorismo, de maneira que os erros e falhas façam parte do contexto e sejam positivos para o aprendizado e construção das competências (FONTES, 2016; SILVA e PENA, 2017).

Hunter e Lean (2018) apontam que os alunos de educação empreendedora podem desenvolver competências por diferentes motivos, onde algumas são associadas a diferentes possibilidades de atuação profissional, por exemplo: criatividade, resolver de problemas, desenvolver rede de contatos, autoconsciência, não são exclusividade ao empreendedorismo, mas auxiliam no contexto empregabilidade. As competências relacionadas a administrar um negócio como proprietário requer conhecimento dos princípios empresariais, o que pode contribuir para o crescimento econômico.

Em contrapartida, o estudo de Li et al (2018) analisou o investimento na educação e o impacto na melhoria de renda de famílias chinesas. O resultado encontrado não aponta para

essa relação, ou seja, o investimento na educação não gerou aumento de renda às famílias empreendedoras. Porém, nesse país, a educação é considerada um investimento de capital humano. Como investimento, a educação ajuda os indivíduos a criar mais valor e gerar retornos de renda mais altos, aprimorando seus conhecimentos gerais e habilidades profissionais. O fato da educação empreendedora de não ampliar o crescimento econômico não desmerece o investimento social e cultural, e ainda, na formação de capital humano.

No tocante às competências empreendedoras, a criação de um empreendimento requer mentalidade empreendedora. As pessoas podem buscar oportunidades, arriscar, pensar estrategicamente e já terem essa percepção natural, mas tornar-se empreendedor é uma parte essencial do processo de aprendizagem. A educação fornece o conhecimento que pode ser aprendido pela aplicação de comportamentos e processos cognitivos consistentes e confiáveis (HUNTER e LEAN, 2018; LI et al, 2018).

Ser empreendedor implica em aprender fazendo, sendo fundamental a compreensão das estruturas do contexto social, institucional, cultural e econômico. Esse processo amplia a projeção de ideias em um ambiente seguro onde erros acontecem, lições são aprendidas e o processo de pensamento pode convidar a mudança de comportamento (HUNTER e LEAN, 2018; LI et al, 2018).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre empreendedorismo tem sido abordado em estudos recentes nacionais e internacionais, intensificando que o tema exerce relevância no desenvolvimento social e econômico de uma nação. Nesse sentido, a educação empreendedora acrescenta fundamental metodologia para criar, desenvolver e difundir o ambiente empreendedor e a formação de novos empreendedores.

Com o intuito de buscar essa comprovação, o objetivo deste artigo foi desenvolver uma revisão da literatura de recentes trabalhos que tratassem dessa temática, a fim de evidenciar a formação de novos empreendedores, assim como, conhecer as metodologias da educação empreendedora, suas aplicações e a formação das competências empreendedoras de acordo com a literatura.

A educação empreendedora apresenta-se como uma potencial estrutura de preparação para o mundo dos negócios, onde o conhecimento é transformado em informação, ampliando as condições para que as pessoas possam administrar um negócio, ou ainda, ser ensinado e apresentado que na visão dos empresários, onde a proposta é preparar os estudantes para entrarem no mercado de trabalho e contribuírem para a economia nacional, e, assim, reforçar que empreendedorismo é o fator importante para a expansão econômica em todo o mundo.

Com essa proposta, a educação empreendedora deve estar inserida no contexto de aprendizagem, colocando o aluno em contato com educação e trabalho, construída por princípios pedagógicos, incluindo metodologias, como: estudos de casos, jogos, dramatizações e simulações, pensamento baseado em *design* e prática reflexiva, desenvolvendo habilidades empreendedoras, dentre elas: i) habilidades técnicas: saber escrever, ouvir, liderar e trabalhar em equipe; ii) habilidades gerenciais: áreas envolvidas na criação, desenvolvimento e gestão da

nova empresa, como marketing, finanças, produção, entre outras; e, iii) características pessoais: disciplina, inovação, orientação a mudanças, persistência e propensão a assumir riscos. Ampliando o espectro das habilidades para as competências, através da educação empreendedora, o aluno tem oportunidade de desenvolver-se para atender as competências de marketing, financeira, interpessoais, estratégicas, dentre outras, estabelecendo o comportamento empreendedor.

Os estudos demonstraram também que, o investimento na educação não é sinônimo de aumento de renda, tampouco de sucesso nas ações empreendedoras. Porém, o investimento em educação, em todos os níveis e modalidades, favorece e intensifica a formação no capital humano, ressaltando que tornar-se empreendedor é uma parte essencial de um processo de aprendizagem.

Diante do exposto, para tornar-se um empreendedor, através da educação empreendedora, o indivíduo precisa estar inserido em estruturas do contexto social, institucional, cultural e econômico onde deseja empreender. A partir desse ambiente, projetar suas ideias, aprender com seus erros e frustações e estar aberto ao aprendizado e às mudanças que acontecerão no decorrer do processo.

4 REFERENCIAS

AIUB, G. W. Inteligência empreendedora: uma proposta para a capacitação de multiplicadores da cultura empreendedora. **Dissertação de mestrado**. Universidade Federal de Santa Catarina. 2002.

BAŞÇI, E. S.; ALKAN, R. M. Entrepreneurship Education at Universities: Suggestion for a Model Using Financial Support. **World Conference on Technology, Innovation and Entrepreneurship**. Elsevier. 2015.

BOAVA, D., & MACEDO, F. Sentido axiológico do empreendedorismo. **Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração**. 2009.

BRÄNDLE, L.; et al. I am what I am: how nascent entrepreneurs' social identity affects their entrepreneurial self-efficacy. **Journal of Business Venturing Insights**, v. 9, n. 1, p. 17-23. Elsevier. 2018.

CINAR, E. M.; DU, Y; HIENKEL, T. Chinese entrepreneurship attributes: a comparative GEM data analysis, **Journal of Entrepreneurship in Emerging Economies**, Vol. 10 Issue: 2, pp.217-248. 2018.

COSTA, A. M.; BARROS, D. F.; CARVALHO, J. L. F. A Dimensão Histórica dos Discursos acerca do Empreendedor e do Empreendedorismo. **ANPAD**: 2011.

CRUZ Jr., J. B. et al. Empreendedorismo e educação empreendedora: confrontação entre a teoria e prática. **Revista de Ciências da Administração.** 2006.

DELORS, J. **Educação um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. UNESCO, 1996. Impressão no Brasil em 1998.

DORNELAS, M. L.; FAVERI, D. O Impacto da Empresa Júnior na Intenção de Empreender dos Universitários Brasileiros. **EnANPAD**: Curitiba, 2018.

DRUCKER, P. F. **Inovação e Espírito Empreendedor**; Prática e Princípios. São Paulo: Cengage Learning. 2011.

ANAIS

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração**. 1999.

FONTES, M. P. S. Desenvolvimento de competências empreendedoras em contexto escolar: Estudo do impacto de uma intervenção. **Tese de doutorado.** Universidade da Beira Interior, Ciências Sociais e Humanas. 2016.

GEDEON, S. A. Measuring Student Transformation in Entrepreneurship Education Programs. Hindawi. **Education Research International**, 2017.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, B. M. A.; SANABIO, M. T.; SANTOS, A. C. Empreendedorismo no Agronegócio: O caso da produção da cachaça de qualidade - TIRA MÁGOA. **III SEGeT – Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia**. 2006.

HUNTER, L., LEAN, J. Entrepreneurial learning – a social context perspective: evidence from Kenya and Tanzania. **Journal of Small Business and Enterprise Development**, Vol. 25 Issue: 4, p.609-627. 2018.

HUQ, A., DAVID, G. All the world's a stage: transforming entrepreneurship education through design thinking", Vol. 59 Issue: 2, pp.155-170. Emerald Insight, 2017.

KLEIN, P.G. Opportunity discovery, entrepreneurial action and economic organization. **Strategic Entrepreneuship Journal**, v. 2, n. 1, p. 175-190, 2008.

LORENTZ, M. H. N. **O comportamento empreendedor de diretores da UFSM e sua percepção quanto à universidade empreendedora**. 2015. 155 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-graduação em Administração. 2015.

LI, R.; XU, J.; ZHOU, M; WANG, T. "Advance or face: Which makes Chinese entrepreneurial households spend more on education?", **Chinese Management Studies**, Vol. 12 Issue: 3, pp.620-633, 2018.

MAROUFKHANI P.; WAGNER R.; ISMAIL W. K. W. Entrepreneurial ecosystems: a systematic review. **Journal of Enterprising Communities: People and Places in the Global Economy**, Vol. 12 Issue: 4, pp.545-564, 2017.

MARSHALL, D. R.; GIGLIOTTI, R. Bound for entrepreneurship? A career-theoretical perspective on entrepreneurial intentions. **Springer Science+Business Media, LLC, part of Springer Nature**, 2018

MENDES, J. **Manual do empreendedor**: como construir um empreendimento de sucesso. São Paulo: Atlas, 2009.

PAIVA JR., F.G.; CORDEIRO, A.T. Empreendedorismo e o Espírito Empreendedor: Uma Análise da Evolução dos Estudos na Produção Acadêmica Brasileira. XXVI **Enanpad: Salvador**, Anais, 2002.

PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed Editora, 1999.

SCHAEFER, R.; MINELLO, I. F. Educação empreendedora: premissas, objetivos e metodologias. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**. vol. 10, núm. 3. E-ISSN: 1982-2596, 2016.

SCHUMPETER, J. A. **A teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Abril cultural, 1982.

SILVA, J. F.; PENA, R. P. M. O "bê-á-bá" do ensino em empreendedorismo: uma revisão da literatura sobre os métodos e práticas da educação empreendedora. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**. v.6, n.2, p. 372-401, Mai/Ago. 2017.

SIQUEIRA, M.M; GUIMARÃES, L.O. Estratégias Empreendedoras de Negócios Tupiniquins. **XXVI Enanpad**, 2002.

SOUZA, E. C. L.; FRACASSO, E. M.; LOPEZ Jr., G. S. Empreendedorismo e Atitude Empreendedora: Conceitos e Construção de Escalas. **V Egepe**, 2008.

WITT, U. Market opportunity and organizational grind: the two sides of entrepreneurship. **Austrian Economics and Entrepreneurial Studies**, 2003.